

Rogério Baptistini MENDES³

NOGUEIRA, M. A. *As possibilidades da política: idéias para a reforma democrática do Estado*. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

No Brasil, o tema da mudança, paradoxalmente, tem persistido por décadas sempre com força renovada. A sociedade, a cada conjuntura, se entrega com ímpeto e paixão à idéia da transformação das estruturas do país. As circunstâncias da vida nessa terra parecem sempre atreladas à necessidade de superação de um estado de coisas nefasto, impeditivo do livre desenvolvimento da nação em seu conjunto. Sem temor ao exagero, podemos afirmar que nestas plagas parecemos condenados a um eterno processo de invenção e reinvenção da nacionalidade, cujo resultado aparenta ser o oposto do esperado. Em outros termos, parecemos condenados ao atraso pela incapacidade de nos alavancarmos com energia e em conjunto à modernidade do capitalismo hegemônico. De certa forma, não é por outro motivo que um intelectual do porte de Darcy Ribeiro repetia insistentemente que ao brasileiro restavam duas alternativas: “se indignar ou se resignar”. Lutar para transformar o real ou conformar-se a ele.

Longe de devaneios psicanalíticos, interessa-nos ressaltar que o desafio de mudar, para a sociedade brasileira, é embaraçado por uma par-

3 Programa de Pós-Graduação em Sociologia – Faculdade de Ciências e Letras – UNESP – 14800-901 – Araraquara – SP.

ticular construção política, em que o elemento de conciliação entre o velho e o novo, o passado e o futuro, prevalece sobre a superação radical de um pelo outro. Assim sendo, as expectativas sociais nunca são plenamente atendidas, gerando uma frustração popular crônica cujo desaguadouro é o avesso da moderna institucionalização democrática da política. Trajetória torta, porém inventiva, que proporciona a superação do passado colonial pela modernidade da sociedade urbana e industrial, arrastando consigo partes inteiras de um tempo cuja aniquilação é eterna promessa.

Já houve quem apregoasse que o destino histórico do Brasil era o de trilhar as linhas da institucionalização democrática moderna amparada sobre mecanismos autoritários, clientelísticos e, por que não, coercitivos de poder. E, nessa perda de nitidez entre o velho e o novo, gerar uma solução de desenvolvimento autônoma, independente do caminho percorrido pelas nações capitalistas centrais. Essa é uma das possibilidades da política e, como tal, não deve ser menosprezada por aqueles que se empenham em construir o futuro. Afinal, somos pródigos em tentativas de saltar etapas históricas e construir a modernidade amparados na razão e, sobretudo, na ação estatal. Isso explica, em grande parte, o peso que o Estado exerce sobre a sociedade brasileira. E também, os reclamos pela sua reforma.

Reformar o Estado, entretanto, é tarefa mais complexa do que simplesmente avançar com ímpeto privatista sobre as suas áreas de influência. Sua transformação pressupõe conhecimento do terreno e perspectiva de futuro, inteligência e ação política. Portanto, não é obra que se efetive de um só golpe, exigindo o transcurso do tempo para se realizar. Numa posição de esquerda, reformar o Estado exige primeiro o seu reconhecimento como prolongamento da própria sociedade. E, nesse sentido, necessita de conhecimento sobre a história da sociedade, das relações que os indivíduos, as classes e os grupos construíram entre si. Assim, a reforma é uma tarefa geral e mais ampla, estreitamente vinculada à construção de um horizonte social comum. Negar esse fato é o mesmo que negar a própria política.

Em *As possibilidades da política*, Marco Aurélio Nogueira reflete sobre estes e outros temas imediatamente relacionados, tentando recuperar a especificidade de uma política de esquerda na construção de um futuro socialmente mais justo e democrático. Para tanto, recupera a história da formatação do moderno Estado brasileiro, sem deixar de se ocupar com os problemas gerados pela situação mundial que põe em xeque o caráter deste mesmo Estado. Sua análise, além de propor um

quadro interpretativo geral da realidade brasileira, resgata um elenco de problemas inerentes à grande política, sobretudo aqueles relacionados à construção de novos consensos sociais. E, nesse terreno, aponta para uma agenda política renovada, capaz de incorporar como fundante do novo pacto político o moderno societal e o elemento estatal, numa construção que aposta na síntese entre democracia direta e democracia representativa.

Sem dúvida, há muito de ousadia na proposta, mas o autor se apressa em nos lembrar, recorrendo a uma construção de Max Weber, que “perguntar-se a respeito das possibilidades da política é perguntar-se a respeito das possibilidades que tem a política de auxiliar os homens a tentar o impossível para, com isso, acumular forças para realizar o possível e ir além”. E, de fato, esse é um grande argumento, capaz de superar tanto a simples resignação, quanto a sadia indignação, motivando para a construção de um futuro melhor: verdadeira possibilidade da política.